

## TEORIA DA AUTODETERMINAÇÃO: CORRELAÇÃO ENTRE IDADES E QUALIDADE DE MOTIVAÇÃO EM ALUNOS DE ENSINO SUPERIOR

*SELF-DETERMINATION THEORY: CORRELATION BETWEEN AGE AND QUALITY OF MOTIVATION AMONG SUPERIOR EDUCATION STUDENTS*

*TEORÍA DE LA AUTODETERMINACIÓN: CORRELACIÓN ENTRE LA EDAD Y LA CALIDAD DE MOTIVACIÓN EN ALUMNOS DE EDUCACIÓN SUPERIOR*

Filemon Tranche PEREIRA<sup>1</sup>  
Luciane GHIRALDELLO<sup>2</sup>

**RESUMO:** Dada a importância da motivação para a aprendizagem efetiva, muitas teorias têm sido desenvolvidas de maneira a desvendar como o processo motivacional se dá em ambientes educacionais. Entre elas, destaca-se a Teoria da Autodeterminação, a qual pressupõe a existência de seis tipos motivacionais que variam segundo o nível de autonomia ou controle exercido sobre o comportamento dos indivíduos. Neste contexto, o presente trabalho consiste em uma pesquisa descritiva, quantitativa e de natureza aplicada destinada a mensurar a correlação existente entre as idades dos discentes e os tipos motivacionais elencados pela Teoria da Autodeterminação. O estudo contou com a participação de 191 alunos oriundos de três cursos distintos de uma Instituição de Ensino Superior. Os resultados identificados sugerem que a idade desempenha um papel fundamental no comportamento motivado dos alunos. A qualidade de motivação dos discentes se deteriora significativamente à medida que amadurecem e avançam rumo às etapas finais de formação.

**Palavras-chave:** Ensino Superior. Motivação. Teoria da Autodeterminação.

**ABSTRACT:** *Given the importance of motivation for effective learning, many theories have been developed so as to unravel how the motivational process happens in educational environments. Among them, the Self-Determination Theory stands out. This theory suggests the existence of six distinct motivational types which vary according to the level of autonomy or control exercised upon the behavior of individuals. In this context, the present paper consists of a descriptive research of quantitative approach and applied nature that aims to measure the correlation that exists between the ages of the students and the motivational types suggested by the Self-Determination Theory. The research was based on the participation of 191 students from three different majors of a local university. The results indicate that age plays a fundamental role in the motivated behavior of students. Their quality of motivation is significantly impaired as they age and advance towards the final stages of graduation.*

**Keywords:** *Higher education. Motivation. Self-Determination Theory.*

**RESUMEN:** *Dada la importancia de la motivación para el aprendizaje efectivo, muchas teorías han sido desarrolladas de manera a evidenciar como el proceso*

<sup>1</sup> Especialista em Mercado Financeiro e Capitais. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Poços de Caldas/MG, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2125-802X>. E-mail: filemontranche@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Poços de Caldas/MG, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1809-4178>. E-mail: luciane@pucpcaldas.com.br

*motivacional ocurre en ambientes educacionales. Entre ellas, la Teoría de la Autodeterminación se destaca. Esta teoría presupone la existencia de seis tipos motivacionales que varían según el nivel de autonomía o control ejercido sobre el comportamiento de los individuos. Así, este trabajo consiste en una investigación descriptiva, cuantitativa y de carácter aplicado que objetiva medir la correlación entre las edades de los estudiantes y los tipos de motivación apuntados por la Teoría de la Autodeterminación. El estudio tuvo la participación de 191 estudiantes de tres cursos de una institución de enseñanza superior. Los resultados identificados sugieren que la edad desempeña un papel fundamental en el comportamiento motivado de los alumnos. Su calidad de motivación se debilita de manera significativa al paso que ellos envejecen y avanzan hacia las etapas finales de graduación.*

**Palabras clave:** Educación Superior. Motivación. Teoría de la Autodeterminación.

## Introdução

Entendida como um impulso interior, destinado a realizar um dado objetivo e prover satisfação às necessidades individuais, a motivação humana se caracteriza como um tema de grande interesse para a comunidade acadêmica. (COUTINHO; CUCONATO; ALCÂNTARA, 2017). Em grande parte, tal interesse deriva do fato de que, conforme apontam autores como Bergamini (2008) e Pedroso *et al.* (2012), os fatores motivacionais estão presentes em todos os campos de atividade humana, sendo amplamente capazes de influir no nível de qualidade de vida dos indivíduos e no afincamento com que se dedicam à consecução de suas metas e objetivos particulares.

Como consequência, o interesse acerca do tema emana de diversas áreas do conhecimento. Em âmbito empresarial, autores como Zanelli (2004) e Medeiros (2014) apontam para a motivação como variável de particular relevância na edificação de um ambiente organizacional respaldado pelos pressupostos de eficiência e eficácia, com baixos níveis de absenteísmo e rotatividade, aliado a constantes ganhos de produtividade. Adicionalmente, os fatores motivacionais se imbuem de similar relevância no contexto esportivo. Estudos recentes, tais como os desenvolvidos por Borges *et al.* (2015) e Júnior *et al.* (2019), denotam que a motivação pode exercer grande influência no desempenho de atletas, assim como em sua capacidade de realizar tarefas específicas.

De maneira similar, o fenômeno motivacional também se configura como fator de especial importância em ambientes educacionais. De acordo com Lourenço e Paiva (2010), a motivação dos estudantes consiste em uma variável fundamental para a sua aprendizagem, visto que esta última não pode ser suficientemente explicada por fatores

como inteligência, condições socioeconômicas e ambiente familiar. Ademais, Coutinho, Cuconato e Alcântara (2017) apontam para a motivação e aprendizagem como tendo influência mútua, isto é, aprendizagem deficiente resulta em desmotivação, ao passo que falta de motivação para aprender redundava em obstáculos para a aprendizagem.

Complementarmente, entende-se que o nível de motivação no comportamento dos discentes está amplamente atrelado ao tempo que dedicam ao estudo e ao seu bem-estar de maneira geral. Assim como afirmam Lens, Matos e Vanteenskite (2008), frequentar as instituições de ensino de maneira regular pode ser emocionalmente desgastante para os estudantes caso os mesmos não estejam devidamente motivados.

Assim, dada a atual importância do tema para o contexto de educação, o grosso dos esforços atuais têm sido implementados de maneira a identificar maneiras de estimular a motivação dos alunos para as atividades de aprendizagem (LEAL; MIRANDA; CARMO, 2013). Dentre o manancial de teorias elaboradas de maneira a promover melhor entendimento acerca do fenômeno motivacional, a Teoria da Autodeterminação, desenvolvida por Deci e Ryan, em 1981, se destaca.

## **A Teoria da Autodeterminação**

Assim como apontam Deci e Ryan (2017) a Teoria da Autodeterminação edifica-se sobre a concepção de que a espécie humana evoluiu de maneira a ser particularmente proativa e social. O desenvolvimento humano é caracterizado pela curiosidade com que os indivíduos se relacionam com o ambiente que lhes circunda. O despertar de novos interesses, o desejo de aprender e a integração junto aos demais fazem parte do desenvolvimento ideal de novos membros da espécie. Entretanto, a fim de que estas tendências naturais se concretizem, os indivíduos devem ser munidos de satisfação para três necessidades universais: competência, vínculo social e autonomia. Conforme os autores, competência reflete a vontade de se sentir apto a desempenhar os múltiplos papéis assumidos ao longo da vida de maneira eficiente. Por sua vez, a necessidade por vínculo social refere-se ao desejo inato por conexão com os demais, de maneira que o sujeito se sinta verdadeiramente valorizado e apreciado pelos outros. Por último, autonomia indica a necessidade de regular o próprio comportamento sem a influência de fontes externas de controle.

Tal como afirma Stover *et. al* (2017), a motivação foi, durante muito tempo, tratada como um conceito unitário. Em suma, isso significa que o estudo realizado sobre

o tema em sua maioria buscou conhecer as razões pelas quais a motivação varia em termos de quantidade ou intensidade de indivíduo para indivíduo. Tradicionalmente, pouco esforço tem sido empregado no sentido de diferenciar tipos ou qualidades diferentes de motivação. Neste sentido, a principal característica da Teoria da Autodeterminação consiste no fato de que a mesma alvitra que a motivação não varia apenas no aspecto quantitativo, mas principalmente no qualitativo. Conforme Whemeyer (1992, *apud* SILVA; WENDT; ARGIMONI 2010) autodeterminação refere-se à capacidade do sujeito de consolidar-se como agente causal em relação a seu futuro. De maneira geral, reflete a autonomia da qual o indivíduo dispõe para determinar sua maneira de agir. Desta forma, tal como apontam Deci e Ryan (2017), quanto maior o nível de autodeterminação do comportamento de um indivíduo, maior a qualidade de motivação do mesmo.

Essencialmente, a teoria presume que os comportamentos motivados podem ser agrupados em duas grandes categorias: aqueles intrinsecamente motivados e aqueles extrinsecamente motivados. Tal caracterização dicotômica do fenômeno motivacional também é partilhada por outros pesquisadores da área, tais como Boruchovitch (2008), Guimarães e Bzuneck (2008), Rufíni, Zuneck e Oliveira (2012). Neste sentido, conforme Deci e Ryan (2017), os indivíduos intrinsecamente motivados são aqueles que desempenham uma determinada atividade porque derivam prazer de sua realização. Desta maneira, seu interesse situa-se na própria execução da tarefa e não em recompensas externas que possam estar relacionadas à mesma. Em suma, desempenham a atividade por considerá-la inerentemente satisfatória. Tal como afirmam Deci e Ryan (2000), a plena satisfação das necessidades de autonomia, competência e vínculo pode estimular e preservar bons níveis de motivação intrínseca em um indivíduo.

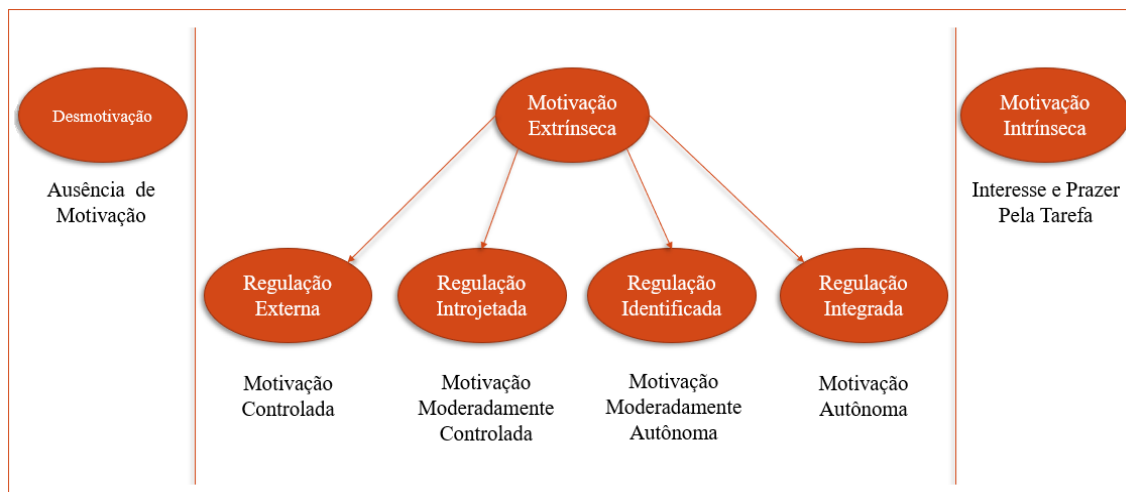
Em contrapartida, os indivíduos extrinsecamente motivados são aqueles que desempenham uma determinada atividade de modo a obter recompensas ou evitar punições externas. A motivação extrínseca requer instrumentalidade entre a realização da tarefa e algum tipo de retribuição externa, tal como recompensas tangíveis, aprovação social ou a obtenção de resultados valorizados pelo sujeito. Portanto, a satisfação não é derivada das tarefas em si, mas das consequências externas que as acompanham (DECI; RYAN, 2000; 2017).

Outra distinção característica preconizada pela Teoria da Autodeterminação é que, assim como apontam Stover *et al.* (2017), os comportamentos tidos como

extrinsecamente motivados podem ser classificados quanto ao nível em que são autônomos ou controlados. Assim, um comportamento ao mesmo tempo autônomo e extrinsecamente motivado seria aquele em que o indivíduo escolhe, a partir de sua própria vontade, desempenhar uma determinada atividade com vistas a obter algum tipo de recompensa externa. Por outro lado, a motivação controlada parte do pressuposto de que o indivíduo é pressionado a comportar-se de determinada maneira a fim de alcançar uma dada recompensa ou evitar uma punição. Neste caso, a escolha de exibir tal comportamento não existe, o sujeito é compelido a agir por forças externas a ele.

Neste sentido, os autores desenvolveram seis tipos motivacionais diferentes, agrupando-os segundo o nível em que são controlados ou autônomos. Os mesmos organizam-se sob a forma de um continuum de motivação, como evidenciado pela figura abaixo, partindo, da esquerda para a direita, dos tipos motivacionais menos autônomos para os mais autônomos:

FIGURA 1: Continuum de Motivação.



Fonte: Adaptado de Leal, Miranda e Carmo (2013).

O primeiro dos tipos motivacionais é caracterizado por Deci e Ryan (2000; 2017) como desmotivação. Os autores definem este item como a completa falta de motivação e comportamento intencional. Entende-se que um indivíduo desmotivado é aquele que desempenha uma atividade sem dispor de razões claras para tal. Ainda que em um dado momento possa ter tido bons motivos para realizá-la, parece ter perdido de vista seu propósito.

Em seguida, quatro outros tipos de comportamento motivado derivam-se da motivação extrínseca. Guimarães e Bzuneck (2008) consideram o primeiro deles, Regulação Externa, como sendo o tipo mais básico e menos autônomo de motivação extrínseca, em que o indivíduo age a fim de obter recompensas externas ou evitar punições. Neste caso, o comportamento é regulado por circunstâncias externas ao sujeito. De modo a exemplificar um indivíduo agindo segundo um comportamento de tal natureza, Lens, Matos e Vansteenkiste (2008, p. 19) propõem a seguinte situação: “Um aluno pode estar (até mesmo altamente) motivado para estudar na sexta-feira à noite, porque dessa forma sua mãe permitirá que ele vá a uma festa no sábado à noite”.

Menos controlado do que o primeiro, o segundo tipo de motivação extrínseca denomina-se Regulação Introjogada. Deci e Ryan (2000) definem a introjeção como o ato de: “assimilar uma regulação externa sem aceita-la completamente [...] Dito de outra maneira, introjeção representa a regulação pela própria autoestima contingente do indivíduo” (DECI; RYAN, 2000, p. 72, tradução nossa<sup>3</sup>). Assim, em conformidade com Guimarães e Bzuneck (2008), os comportamentos energizados segundo este tipo motivacional são aqueles cujo objetivo consiste em evitar sentimentos de culpa ou ansiedade, ou ainda, lograr sentimentos capazes de elevar a própria autoestima, tais como o orgulho, autossatisfação ou reconhecimento social. Um exemplo deste tipo motivacional poderia ser ilustrado pela seguinte situação: Um aluno que estude de maneira bastante diligente não com o objetivo de alcançar algum tipo de recompensa empírica, mas de modo a evitar que seus pais fiquem decepcionados com ele, o que redundaria em sentimentos de culpa e inadequação. Portanto, entende-se que, neste caso, as recompensas ou punições são administradas pelo próprio sujeito.

Dotada de maior autonomia que os tipos motivacionais previamente citados, a Regulação Identificada, se dá quando já existe alguma interiorização das regulações externas. Consoante a Deci e Ryan (2017), a internalização de uma regulação externa se dá quando a mesma é, de maneira consciente, valorizada positivamente pelo indivíduo, de modo que ele passa a considerá-la como pessoalmente importante. Por exemplo, um estudante pode esforçar-se ao máximo na escola a fim de conseguir uma vaga em uma faculdade de Direito e tornar-se advogado. Ele anseia desempenhar a referida profissão e percebe o estudo como a melhor forma de alcançar seu objetivo.

---

<sup>3</sup> *Introjection involves taking in a regulation but not fully accepting it as one's own. [...] Put differently, introjection represents regulation by contingent self-esteem*



Ainda mais autônoma, a Motivação Integrada ocorre, de acordo com Gagné e Deci (2005), quando existe a integração de uma identificação com outros aspectos do *self*, ou seja, com outras internalizações, interesses, objetivos e valores. Ainda que o foco permaneça nas recompensas extrínsecas que advirão da realização das atividades, este tipo de motivação consiste no tipo de motivação extrínseca com maior nível de autonomia, e conseqüentemente, mais autodeterminado. Finalmente, a supracitada motivação intrínseca consiste no tipo motivacional em que a pessoa deriva prazer da própria realização da tarefa. Não há recompensas extrínsecas associadas à realização da mesma.

Em suma, a Teoria da Autodeterminação sugere que a qualidade da motivação humana está relacionada à quão autodeterminado é o comportamento exibido. Esta noção é particularmente relevante para o contexto de aprendizagem, uma vez que supõe que o aluno que tenha tido autonomia para determinar seu curso ou as atividades a serem realizadas também apresentará motivação de melhor qualidade ao desempenhá-las. Além disso, outros estudos, tais como os de Grolnick e Ryan (1989) e Miserandino (1996), sugerem que maior qualidade de motivação se relaciona com melhores resultados acadêmicos.

Como visto, a motivação se configura como um elemento fundamental para a aprendizagem. Adicionalmente, assim como menciona Miquetti (2019), as universidades brasileiras têm sido testemunhas de um grande aumento populacional ao longo dos últimos anos, em grande parte resultado de programas governamentais, tais como o PROUNI ou FIES. Como consequência, os ambientes educacionais se tornam cada vez mais diversos, acolhendo estudantes de diferentes etnias, idades e classes sociais. Contudo, conforme Pansera *et al.* (2016) poucos estudos têm sido realizados de maneira a investigar os impactos de tais diferenças na motivação discente.

Assim, o presente trabalho pretende averiguar qual a relação existente entre a idade dos estudantes e sua qualidade de motivação, de maneira a responder a seguinte pergunta de pesquisa: “Qual a correlação entre a idade dos discentes e os itens de motivação elencados pela Teoria da Autodeterminação?”

## Metodologia

Pode-se afirmar que o presente estudo é, quanto à profundidade, descritivo, uma vez que pretende descrever as características de uma determinada população.

Complementa, no tocante aos métodos de coleta de dados, entende-se que a pesquisa pode ser considerada de campo, uma vez que objetivou descrever elementos de maneira espontânea, tal como ocorrem na realidade. Em seguida, pode-se dizer ainda que este estudo é de natureza aplicada, visto que apresenta uma utilidade prática, a saber, contribuir para as práticas de gestão pedagógica. Finalmente, entende-se que a presente pesquisa é também quantitativa, uma vez que se baseou em dados observáveis e passíveis de quantificação.

### **Instituição e participantes**

A escolha da Instituição de Ensino Superior para o desenvolvimento desse estudo deu-se por conveniência, em função da proximidade dos autores em relação à mesma. A instituição selecionada consiste em uma das maiores universidades privadas do Brasil, sediada em Belo Horizonte e com 10 *campi* espalhados pelo estado de Minas Gerais. O campus que acolheu esta pesquisa foi inaugurado há 25 anos e conta, na data de elaboração deste trabalho, com cerca de 6.000 alunos distribuídos em 14 cursos de graduação.

Dada a ampla diversidade de alunos e áreas existentes no campus, o presente estudo contou com a participação de discentes de três diferentes cursos: Administração, Engenharia Civil, e Medicina Veterinária. A escolha destes cursos para a coleta de dados se deu em razão dos mesmos representarem três grandes áreas do conhecimento, a saber: Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Exatas e Ciências Biológicas. Acredita-se que tal diversificação promove maior generalidade aos resultados do estudo.

Desta maneira, esta pesquisa contou com a participação de 191 estudantes, sendo 64 são oriundos do curso de Administração, 71 do curso de Medicina Veterinária e os 56 alunos restantes provenientes do curso de Engenharia Civil. Os dados desta pesquisa foram coletados junto à totalidade dos alunos do 2º, 4º e 8º períodos do turno matutino do curso de Administração, 1º, 4º e 9º períodos do curso de Medicina Veterinária e 1º, 6º e 9º períodos do turno da noite do curso de Engenharia Civil. As idades dos discentes variaram entre 18 e 25 anos e a quantidade de participantes segundo cada faixa de idade pode ser verificada pela tabela 1:



TABELA 1: Quantidade de alunos segundo cada faixa de idade.

Idade	Quantidade de Alunos	Idade	Quantidade de Alunos
18	14	22	30
19	56	23	18
20	28	24	8
21	31	25	6

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

A seleção dos períodos que participaram do estudo deu-se de maneira a contemplar todas as etapas de formação dos alunos. Porém, como visto, os períodos e turnos considerados não foram os mesmos em todos os cursos. Tal seleção deu-se com base na disponibilidade dos autores. Assim, a amostra utilizada pode ser considerada como por conveniência.

### **Instrumento de Coleta de dados**

Afim de coletar os dados necessários para a realização do estudo, fez-se uso da Escala de Motivação Acadêmica (EMA) adaptada de Guimarães e Bzuneck (2008). O instrumento em questão consiste em uma escala composta por 30 perguntas que visam classificar os respondentes com relação aos sete tipos motivacionais elencados pela Teoria da Autodeterminação: Desmotivação; Regulação Externa; Regulação Introjogada; Regulação Identificada; Regulação Integrada e Motivação Intrínseca. As perguntas foram avaliadas pelos participantes por meio de uma escala *Likert* de sete pontos.

Guimarães e Bzuneck (2008) separaram o item de Regulação Externa em outros dois: Regulação Externa por Frequência às Aulas, que faz alusão à presença como elemento preponderante para a vinda às aulas e Regulação Externa por Recompensas Sociais, que sugere o contexto de amizade e interação social como sendo o fator mais importante na decisão de vir à universidade.

Finalmente, é também importante mencionar que o instrumento foi utilizado com o devido consentimento de seus autores. Ademais, tendo em vista o envolvimento de outras pessoas, esta pesquisa também recebeu o crivo de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa.

## Procedimentos de análise de dados

A análise dos resultados deu-se segundo a média apresentada pelos alunos nos itens da Escala de Motivação Acadêmica que fazem referência a cada um dos tipos motivacionais pressupostos pela Teoria da Autodeterminação. Tais médias foram em seguida agrupadas segundo cada faixa de idade de maneira a mensurar as correlações existentes entre as diferentes idades e os tipos motivacionais.

De modo a verificar a correlação existente, fez-se uso do coeficiente de correlação Pearson ( $\rho$ ). Conforme Filho e Júnio (2009, p. 118), tal coeficiente pode ser entendido como “uma medida de associação linear entre duas variáveis”. Dito de outra maneira, o mesmo representa o quanto o aumento de uma variável está relacionado ao aumento ou decréscimo da outra. Ainda segundo Filho e Júnio (2009), o coeficiente de correlação Pearson é sempre representado por um valor entre -1 e 1. O sinal determina se a natureza da relação entre as variáveis é positiva ou negativa, enquanto que o valor indica o quão fortemente tais variáveis estão relacionadas. Uma correlação é considerada perfeita se seu valor é igual a -1 ou 1. Nestas situações, o comportamento de uma variável pode ser completamente previsto caso o valor da outra seja conhecido. Em contrapartida entende-se que não há nenhuma relação entre as variáveis caso a correlação tenha valor igual a zero. No entanto, correlações com valores absolutos como -1, 0 e 1 são raramente encontradas. Diante desta dificuldade, Cohen (1988) sugere que valores situados entre 0,10 e 0,29 são indicativos de pequena correlação. Valores entre 0,30 e 0,49 indicam correlação média, enquanto que valores acima de 0,50 denotam forte correlação.

## Resultados e Discussão

A tabela abaixo evidencia as pontuações médias obtidas por cada faixa de idade e as correlações verificadas para cada tipo motivacional:

**TABELA 2: Médias e correlações entre idades e tipos motivacionais.**

Idade	Desmotivação	Regulação Externa Por Frequência	Regulação Externa Por Recompensas Sociais	Regulação Introjetada	Regulação Identificada	Regulação Integrada	Motivação Intrínseca
18	1,22	3,61	1,97	4,50	5,04	6,22	5,19
19	1,43	3,84	2,02	4,21	4,37	6,02	4,65
20	1,55	3,91	2,56	3,74	4,38	5,75	4,47
21	1,76	3,85	2,19	3,68	3,76	5,49	3,94
22	2,12	4,64	2,24	4,17	4,34	5,56	4,20
23	1,43	4,09	1,55	4,64	4,60	6,01	4,82
24	1,85	3,60	3,00	3,83	3,64	5,50	4,52
25	1,96	4,72	2,26	4,40	3,60	5,50	3,26
<b><math>\rho</math></b>	<b>0,692</b>	<b>0,531</b>	<b>0,268</b>	<b>0,047</b>	<b>0,719</b>	<b>0,682</b>	<b>0,636</b>

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Assim como apresentado acima, os resultados foram bastante expressivos. Primeiramente, as médias obtidas pelos discentes no item de Desmotivação parecem aumentar à medida em que a idade dos alunos se eleva. Os alunos que obtiveram menor pontuação neste item foram justamente os mais jovens, com idade de 18 anos. A média de tais estudantes foi de apenas 1,22. Por sua vez, os alunos que exibiram as maiores médias foram os de 22 anos, com pontuação média de 2,12. Assim, dada a correlação de 0,692 apresentada neste item, entende-se que as variáveis idade e Desmotivação encontram-se fortemente relacionadas.

Em seguida, as médias apresentadas pelos alunos no item de Regulação Externa Por Frequência elevaram-se de maneira quase constante entre as idades de 18 e 22 anos. Destaca-se o fato de que a média apresentada pelos alunos de 22 anos, de 4,64, aumentou de maneira considerável quando comparada à dos alunos de 21 anos, cuja pontuação média foi de 3,85. Tais dados sugerem um acréscimo súbito na valorização da frequência por parte dos estudantes na medida em que entram em seus anos finais de graduação. Os alunos com idades entre 23 e 25 anos apresentaram resultados semelhantes, sendo que estes últimos ostentaram a maior média dentre todas as idades, com pontuação de 4,72. Tais dados, aliados à correlação de *Pearson* de 0,531, sugerem que a idade desempenha um papel muito importante no peso que os estudantes conferem à frequência como motivo para virem à universidade. Em linhas gerais, quanto maior a idade dos alunos, maior importância é atribuída à frequência às aulas.

Por sua vez, as médias obtidas pelos alunos no item de Regulação Externa Por Recompensas Sociais não apresentaram uma evolução constante. Ainda que os estudantes com idades entre 18 e 20 anos tenham exibido pontuações crescentes, com médias de 1,97, 2,02 e 2,56, respectivamente, os resultados apresentados pelos demais alunos não seguiram qualquer tipo de padrão de aumento ou diminuição. Tais dados revelam que a importância atribuída a convivência social no contexto acadêmico não parece ser especialmente influenciada pela idade dos alunos. Além disso a correlação de *Pearson* para este item foi de apenas 0,268, o que, segundo Cohen (1988) caracteriza pequena correlação entre as duas variáveis.

Assim como verificado no item de Regulação Externa Por Recompensas Sociais, a idade também não parece exercer grande influência sobre a Regulação Introjetada. Em linhas gerais, isto significa que a importância que os alunos atribuem ao estudo, como regulador da própria autoestima, não é necessariamente dependente da idade. Como visto na tabela 2, ainda que as médias apresentadas pelos alunos tenham sido semelhantes, elas não seguiram um padrão consistente de crescimento ou diminuição. Os alunos de 21 anos detiveram a menor média neste item, com pontuação de 3,68. Tal resultado indica que, em comparação com os demais, a autoestima destes estudantes é menos influenciada por situações de sucesso ou fracasso acadêmico. Por sua vez, estudantes de 23 anos apresentaram a maior média, com pontuação de 4,56, revelando que a autoestima destes alunos é mais fortemente influenciada por estas mesmas situações. T tamanha discrepância entre as médias apresentadas por alunos em idades tão próximas revela o quão pouco a idade parece influir neste fator. Adicionalmente, a correlação identificada para este item foi de apenas 0,047. Tal valor é, de acordo com Cohen (1988), indicativo de correlação inexistente.

Diferentemente, os resultados obtidos no item de Regulação Identificada foram altamente expressivos. Em linhas gerais, a idade parece constituir um fator de grande importância na determinação das médias obtidas neste item, muito em razão da correlação de -0,719 apresentada. Tal valor sugere, segundo Cohen (1988), correlação bastante forte entre as variáveis. Os alunos mais jovens, com idade de 18 anos, detiveram a maior pontuação neste item, com média de 5,04. Por outro lado, as menores médias foram obtidas justamente pelos estudantes mais velhos, com idades de 24 e 25 anos. As pontuações obtidas por estes alunos foram de 3,64 e 3,60, respectivamente.

Tais resultados denotam que ao ingressar na universidade, no começo da idade adulta, os estudantes se identificam de maneira significativa com o estudo, considerando-o como uma regulação importante e instrumental no alcance de suas metas individuais. Entretanto, ao passo que envelhecem, tal identificação parece enfraquecer rapidamente. Os alunos de maior idade atribuem menor peso ao estudo como variável de importância e instrumentalidade na consecução de seus objetivos.

Em seguida, os resultados apresentados pelos alunos no item de Regulação Integrada foram, em grande parte, semelhantes àqueles vistos no item anterior. Os alunos mais jovens obtiveram as médias mais elevadas, com pontuação de 6,22. Os resultados apresentados pelos demais estudantes decresceram de maneira quase constante conforme o avanço das idades. Os alunos de 21 anos, em sua maioria oriundos das etapas finais de formação, apresentaram a menor média neste quesito, com pontuação de 5,49. Os estudantes mais velhos, com idades de 24 e 25 anos, respectivamente, obtiveram pontuação semelhante. Estes alunos obtiveram médias idênticas de 5,50.

Entretanto, a despeito do que foi verificado no item anterior, as médias obtidas pelos alunos neste item foram consistentemente altas. Tal resultado indica que, de maneira geral, os alunos percebem o estudo como algo importante e congruente com os valores individuais independentemente da idade em que se encontram. Contudo, conforme os dados apresentados, e especialmente pela correlação de -0,682 identificada para este item, pode se afirmar que tal percepção se enfraquece à medida que os alunos envelhecem.

Por último, os resultados apresentados pelos alunos no item de Motivação Intrínseca foram também bastante expressivos. Novamente, os estudantes mais jovens foram aqueles que detiveram a maior pontuação, com média de 5,19. Em contrapartida, o menor resultado foi apresentado justamente pelos alunos do outro extremo, ou seja, os de 25 anos. A pontuação média destes alunos foi de 3,26. Com a exceção dos alunos com idades de 22 a 24 anos, as médias apresentadas seguiram um padrão bastante claro de diminuição. Tal padrão é retratado pela correlação de -0,636 verificada para este item. Conforme Cohen (1988), tal valor indica que as duas variáveis possuem forte correlação. Desta maneira, entende-se que a idade constitui um elemento fundamental na predição das médias apresentadas no item de Motivação Intrínseca. Quanto maior a idade do aluno, menor a satisfação intrínseca que o mesmo deriva de seus estudos.

Em suma, os dados apresentados ao longo desta seção sugerem que, de maneira geral, a idade constitui um componente de extrema importância para a qualidade de motivação geral dos discentes. As correlações verificadas foram, em sua maioria, bastante fortes. Os itens de motivação autônoma foram aqueles que apresentaram os maiores valores de correlação, com pontuação de -0,719 em Regulação Identificada, -0,682 em Regulação Integrada e -0,636 em Motivação Intrínseca. Complementarmente, o item de Desmotivação também apresentou correlação bastante forte, com pontuação de 0,692.

Tais resultados são particularmente interessantes, pois indicam que, à medida que envelhecem, os alunos verificam uma queda geral em sua qualidade de motivação. Ao ingressarem na universidade, como jovens adultos, os discentes percebem o estudo como algo intrinsecamente prazeroso, instrumental para a realização de seus objetivos e congruente com seus valores e demais aspectos de suas personalidades. Contudo, à medida que avançam rumo às etapas finais de formação, um pouco mais velhos, estas noções são grandemente enfraquecidas. O prazer intrínseco extraído do estudo é drasticamente reduzido, ao passo que a desmotivação aos poucos se instaura.

### **Considerações Finais**

Tendo em mente a importância da motivação para a aprendizagem bem-sucedida dos alunos, este trabalho teve por principal objetivo conhecer a relação entre idade e motivação dos discentes, por meio da mensuração das correlações existentes entre a referida idade e as pontuações médias obtidas em cada um dos tipos motivacionais postulados pela Teoria da Autodeterminação.

Os resultados sugerem que a idade constitui um fator de grande importância para a motivação dos alunos. Conforme apresentado, as médias apresentadas em todos os itens de motivação autônoma apresentaram correlação negativa com as faixas de idades, o que sugere que a qualidade de motivação dos discentes se deteriora à medida que envelhecem e avançam rumo às etapas finais de seus cursos.

Neste sentido, é importante que as práticas educacionais adotadas se modifiquem ao longo de cada curso de maneira a estimular a motivação dos estudantes, especialmente aqueles que se situam em fases intermediárias ou finais de formação, ocasião em que se encontram com idades um pouco mais avançadas. Conforme



apontam Deci e Ryan (2017), a Motivação Intrínseca para a realização das atividades pode ser estimulada de maneira expressiva por meio do desenvolvimento de ambientes que promovam satisfação para as três necessidades psicológicas universais: competência, vínculo e autonomia. Esta concepção é reforçada por trabalhos recentes no campo da educação, tais como o estudo desenvolvido por Hallal, Pinheiro e Oliveira (2021) que aponta para a autonomia e cooperativismo entre pares como pilares de grande importância para a edificação de aprendizagem ativa e mais bem direcionada ao desenvolvimento pessoal. Assim, entende-se que a adoção de práticas pedagógicas pautadas pela satisfação destas necessidades pode contribuir significativamente para a qualidade de motivação e bem-estar dos discentes.

Por último, é preciso ainda mencionar que os resultados deste estudo foram, em sua maioria, inéditos. Conseqüentemente, entende-se que novas pesquisas precisam ser realizadas de maneira a corroborar ou mesmo refutar tais resultados.

A motivação humana consiste em fenômeno altamente complexo, o qual pode ser entendido a partir de múltiplas perspectivas. Desta maneira, espera-se que este trabalho possa ter sido útil no sentido de promover uma visão mais ampla das características do comportamento motivado de alunos de Ensino Superior. O conhecimento de tais características é, sem dúvidas, um dos fatores mais importantes de maneira a edificar um sistema de ensino mais inclusivo e adequado às necessidades individuais.

## Referências

BERGAMINI, Cecília Whitaker: **Psicologia aplicada à Administração de empresas, psicologia do comportamento organizacional**. São Paulo: Atlas, 2008.

BORGES, Paulo Henrique; et al. Motivação e desempenho tático em jovens jogadores de futebol: uma análise a partir da Teoria da Autodeterminação. **Cinergis**, Santa Cruz do Sul, 16(2): p120-124, 2015. Disponível em:  
<<https://online.unisc.br/seer/index.php/cinergis/article/view/6320/0>>. Acesso em 25 jan. 2020.

BORUCHOVITCH, Evely. Escala de Motivação Para Aprender de Universitários (EMA-U): Propriedades Psicométricas. **Avaliação Psicológica**, Porto Alegre, 7(2), pp. 127-134, ago. 2008. Disponível em:  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712008000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712008000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 22 out. 2018.

COHEN, Jacob. **Statistical power analysis for the behavioral sciences**. Hillsdale, NJ, Erlbaum, 1988.

COUTINHO, Juliana Zulmira Silva Ferreira Coutinho; CUCONATO, Lourdes Cristina de Souza; ALCANTARA, Elisa Ferreira Silva. Motivação e Aprendizagem no contexto escolar. **Rev. Episteme Transversalis**, Volta Redonda-RJ, v.8, n.2, p.133-144, jul./dez.2017

DECI, E. L., RYAN, R. M. Self-Determination Theory and the Facilitation of Intrinsic Motivation, Social Development, and Well-Being. **American Psychologist**. Janeiro, 2000. Vol. 55, No. 1, 68-78. Disponível em: <[http://www.jwalkonline.org/docs/Grad%20Classes/Fall%2007/Org%20Psy/Cases/motivation%20articles/PERUSED/deci\\_ryan\\_2000.pdf](http://www.jwalkonline.org/docs/Grad%20Classes/Fall%2007/Org%20Psy/Cases/motivation%20articles/PERUSED/deci_ryan_2000.pdf)>. Acesso em: 14 mar. 2019.

DECI, E. L., RYAN, R. **Self-Determination Theory: Basic Psychological Needs in Motivation, Development, and Wellness**. New York, NY: Guilford Press, 2017.

GAGNE, Marylène; DECI, Edward L. Self-determination theory and work motivation. **Journal of Organizational Behavior** 26, 331–362 (2005). Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/job.322>>. Acesso em 30 ago. 2018.

GROLNIK, Wendy; RYAN, Richard. Parent styles associated with children's self-regulation and competence in school. **Journal of Educational Psychology**, 81, 143–154 (1989). Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/232600848\\_Parent\\_Styles\\_Associated\\_with\\_Children's\\_Self-Regulation\\_and\\_Compotence\\_in\\_School](https://www.researchgate.net/publication/232600848_Parent_Styles_Associated_with_Children's_Self-Regulation_and_Compotence_in_School). Acesso em 17 nov. 2019.

GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini; BZUNECK, José Aloyseo. Propriedades psicométricas de um instrumento para avaliação da motivação de universitários. **Ciênc. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 101-113, mar. 2008. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-58212008000100011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212008000100011&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 18 out. 2018

HALLAL, Renato; PINHEIRO, Nilcéia Aparecida Maciel; OLIVEIRA, Reginaldo de. Integração entre metodologias ativas: práticas pedagógicas para os processos de ensino e de aprendizagem. **EDUCA – Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, v. 08, p. 1-25, jan./dez., 2021. Disponível em:<<https://periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/article/view/5628/4275>>. Acesso em 25 de jan. de 2023.

FILHO Dalson Britto Figueiredo; JÚNIO José Alexandre da Silva. Desvendando os Mistérios do Coeficiente de Correlação de Pearson (r). **Revista Política Hoje**, Recife, Vol. 18, n. 1, 2009. Disponível em: [http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/bitstream/handle/bdtse/2766/2009\\_figueiredo\\_desvendando\\_misterios\\_coeficiente.pdf?sequence=1](http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/bitstream/handle/bdtse/2766/2009_figueiredo_desvendando_misterios_coeficiente.pdf?sequence=1)>. Acesso em 10/11/2019

JUNIOR, José Roberto Andrade do Nascimento; et al. Association between basic psychological needs of the self-determination theory and perception of group cohesion among high-performance futsal athletes. **Rev. bras. cineantropom. desempenho humano**, Florianópolis, v. 21, e57369, 2019. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1980-00372019000100314&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-00372019000100314&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 20 fev. 2020.

LEAL, Edvalda Araújo; MIRANDA, Gilberto José; CARMO, Carlos Roberto Souza. Teoria da Autodeterminação: uma análise da motivação dos estudantes do curso de ciências contábeis. **Rev. contab. finanç.**, São Paulo, v. 24, n. 62, p. 162-173, agosto 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-70772013000200007&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-70772013000200007&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em 12 set. 2018.

LENS, W., MATOS, L., & VANSTEENKISTE, M. Professores como fontes de motivação dos alunos: o quê e o porquê da aprendizagem do aluno. **Educação**, Porto Alegre, 31 (1), 17-10, (2008, janeiro/abril). Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2752/2100>>. Acesso em 04 mar. 2019.

LOURENÇO, Abílio Afonso; PAIVA, Maria Olímpia Almeida de. A motivação escolar e o processo de aprendizagem. **Ciênc. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 132-141, ago. 2010. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-58212010000200012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212010000200012&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 23 out. 2018.

MEDEIROS, D. M. L. **Motivação e satisfação na função pública: caso dos Açores**. Açores, 2014. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade dos Açores, 2014.

MISERANDINO, Marianne. (1996). Children who do well in school: Individual differences in perceived competence and autonomy in above average children. **Journal of Educational Psychology**, 88, 203–214 (1996). Disponível em: <[http://selfdeterminationtheory.org/SDT/documents/1996\\_Miserandino\\_JEP.pdf](http://selfdeterminationtheory.org/SDT/documents/1996_Miserandino_JEP.pdf)>. Acesso em 17 nov. 2019.

PANSERA, Simone Maria et al. Motivação intrínseca e extrínseca: diferenças no sexo e na idade. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 20, n. 2, p. 313-320, Ago 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572016000200313&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572016000200313&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 19 fev. 2020.

PEDROSO, Daniel Oesley de Oliveira; FRANÇA, Natany de Sousa OLIVEIRA, Simony Santos de; OSAWA, Jose Luis Tamekishi. Importância da Motivação Dentro das Organizações. **Revista Ampla de Gestão Empresarial**, Registro, São Paulo, Ano 1, Nº 1, art. 5, p 60-76, out 2012. Disponível em: <[http://www.revistareage.com.br/artigos/primeira\\_edicao/05\\_a\\_importancia\\_da\\_motivacao\\_dentro\\_das\\_organizacoes.pdf](http://www.revistareage.com.br/artigos/primeira_edicao/05_a_importancia_da_motivacao_dentro_das_organizacoes.pdf)>. Acesso em: 06 abr. 2019.

RUFINI, Sueli Édi; BZUNECK, José Aloyseo; OLIVEIRA, Katya Luciane de. A qualidade da motivação em estudantes do ensino fundamental. **Paidéia (Ribeirão Preto)**. Ribeirão Preto, v. 22, n. 51, p. 53-62, abr. 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2012000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2012000100007&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 19 abr. 2019.

SILVA, Marli Appel; WENDT, Guilherme Welter; ARGIMONI, Irani Iracema de Lima. A Teoria da Autodeterminação e as influências socioculturais sobre a identidade. **Psicol. rev.** Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 351-369, ago. 2010. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S167711682010000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167711682010000200008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 02 set. 2018.

SANTOS, Bettina Steren dos; ANTUNES, Denise Dalpiaz. Vida adulta, processos motivacionais e diversidade. **Educação**, Porto Alegre, n. 1 (61), p. 149-164, jan./abr. 2007. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=84806108>>. Acesso em 19 fev. 2020.

SILVA, Marli Appel; WENDT, Guilherme Welter; ARGIMONI, Irani Iracema de Lima. A Teoria da Autodeterminação e as influências socioculturais sobre a identidade. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 351-369, ago. 2010. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682010000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682010000200008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 02 set. 2018.

STOVER, Juliana Beatriz; BRUNO, Flavia Eugenia; URIEL Fabiana Edith; LIPORACE Mercedes Fernández. Teoría de la Autodeterminación: una revisión teórica. **Perspectivas en Psicología**, Mar Del Plata - Vol. 14 - Nº 2 - Dezembro 2017 - (pp. 105-115)

ZANELLI, José Carlos; ANDRADE, Jairo Eduardo Borges; BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt. **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. 1. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

**Enviado em:** 10/10/2020

**Aceito em:** 10/01/2023

**Publicado em:** 11/06/2023.